

ALTRUÍSMO EFICAZ

novas formas de fazer filantropia e a cultura da doação no Brasil¹

Patricia Kunrath Silva²
ESPM – Sul

Resumo

Fome, riqueza e moralidade são temas importantes de estudo nas ciências sociais e também título de um livro publicado nos anos 70 de autoria do filósofo Peter Singer. Na esteira desse trabalho, Peter Singer viria a se tornar, cerca de quatro décadas mais tarde, o “pai do altruísmo eficaz”. Considerado um filósofo utilitarista, Singer defende uma ética aplicada que deveria transformar as relações da sociedade civil. Com centros consolidados em universidades norte-americanas como Harvard (<http://www.harvardea.org>) e Stanford (<http://web.stanford.edu/group/ea/>), os promotores do altruísmo eficaz têm se organizado no Brasil nos últimos anos. Tendo pesquisado o universo mais amplo da filantropia no Brasil e nos Estados Unidos e a cultura da doação nesses países em minha tese de doutorado, busco agora me aprofundar nesta vertente filantrópica que se apresenta muito recente – Singer fez uma fala de lançamento do programa de altruísmo eficaz em Harvard em 2015. A economista e estudante de Gestão Pública em Harvard Isabel Opice publicou no Estadão em maio de 2018 sobre seu primeiro contato com o assunto na instituição: “O Altruísmo Eficaz prega que as decisões sobre para quem doar devam ser racionais, buscando maximizar o impacto do dinheiro investido”. (<https://politica.estadao.com.br/blogs/blog-do-mlg/minha-primeira-experiencia-com-o-altruismo-eficaz/>). O que é esta filosofia que também se autodenomina como um movimento social? Como encontra entrada no Brasil e quem são seus promotores? Essas são algumas das questões que esse trabalho pretende elucidar. Com base em entrevistas em profundidade com promotores do altruísmo eficaz no Brasil e pesquisa bibliográfica sobre o tema, observa-se como novas formas de fazer filantropia emergem, disputam espaços e recursos e buscam modelar uma cultura da doação no país.

Palavras-chave: Filantropia, Altruísmo Eficaz, Desigualdade Social

A filantropia ainda é vista com bastante desconfiança no Brasil. Nos Estados Unidos, entretanto, sua prática encontra-se consolidada, operando como um setor ou uma indústria (Bernholz, 2004) dinâmica e em busca de inovações. Um dos expoentes contemporâneos a pensar a filantropia – ou o altruísmo – estadunidense é o filósofo Peter Singer (2012, 2015).

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

² patricia.kunrath@gmail.com

A primeira vez que tive contato com o trabalho deste filósofo utilitarista e professor das Universidades de Princeton e Melbourne foi em 2013 ao iniciar minha pesquisa de doutorado sobre filantropia e a cultura da doação no Brasil e nos Estados Unidos. Naquela ocasião, meu caro orientador Ruben Oliven me emprestou o livro de Singer, publicado em 2009, intitulado “A Vida que Podemos Salvar” – hoje também transformado em uma organização com site online por meio do qual o público pode acessar as instituições de ajuda humanitária recomendadas e fazer doações.

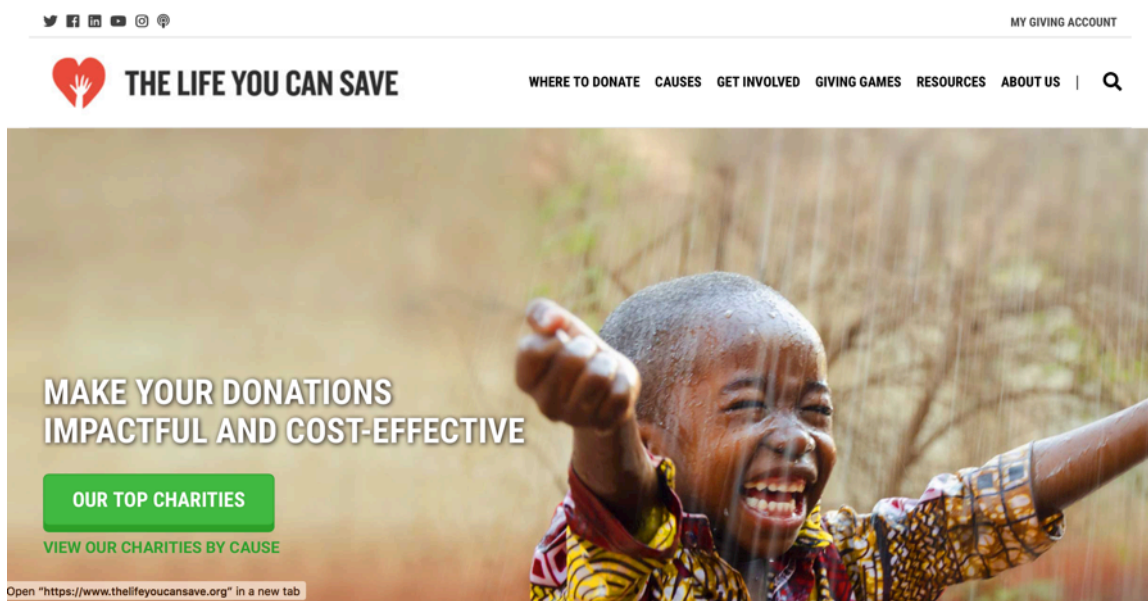


Imagem 1: The Life You Can Save
Fonte: thelifeyoucansave.org

Ao longo da pesquisa de campo (de 2013 a 2016) deparei-me novamente com obras de Singer sendo prefaciadas por Bill e Melinda Gates, então considerados os maiores filantropos do mundo. Além disso, realizei um curso online em filantropia estratégica, da Universidade de Stanford, ministrado pela bilionária, filantropa e consultora – ou “guru³” – filantrópica no Vale do Silício, Laura Arrillaga-Andreessen no qual participava o Professor Singer.

Este trabalho é uma reflexão inicial, derivada da tese, mas agora com o nicho específico do que vem sendo denominado como altruísmo eficaz. Na tese eu apresentava duas vertentes filantrópicas encontradas em campo: uma que se denominava como filantrocapitalismo – categoria na qual, a meu ver, se encaixaria o altruísmo eficaz ou a

³ Ver <https://www.vogue.com/article/laura-arrillaga-andreessen-philanthropy-charity-technology>

filantropia estratégica, e voltarei a esse ponto – e outra que se dizia progressista ou de justiça social.

As diferenças encontradas entre essas vertentes diziam respeito ao tipo de causas a serem financiadas bem como ao discurso em relação ao sistema de governança econômica considerado ideal. Na corrente filantropista, o capitalismo não seria um problema em si. No entanto, um sistema sujeito a falhas, que teria por meio da filantropia e de seu contínuo melhoramento condições de propiciar o bem para a sociedade. Já na filantropia dita progressista ou de justiça social, o foco das doações recairiam em ativistas e movimentos sociais que advogam por novas ordens econômicas – apesar de não terem uma resposta a essa questão – e o discurso é de que o capitalismo provou não ser sustentável e precisamos fazer uma transição para uma economia justa⁴ ou plural.

Em ambas vertentes encontramos pessoas que dedicam suas vidas a pesquisar e lutar por suas causas. Ao focar no altruísmo eficaz, Peter Singer parte de sua ética prática e de uma filosofia da moral para justificar por que todas as pessoas que tiverem possibilidade deveriam fazer doações.

Mais conhecido por seu trabalho de 1975 intitulado “Libertação Animal”, que influenciou a promoção da causa animal e do veganismo no mundo, Singer publicara em 1971 um ensaio filosófico intitulado Fome, Riqueza e Moralidade em que já indicava que a falta de apoio dos países ricos à crise em bengali – ou a guerra de libertação de Bangladesh – era moralmente condenável. Para Singer “se está no nosso poder prevenir algo ruim de acontecer, sem assim sacrificar nada comparável em importância moral, nós devemos, moralmente, fazê-lo”.

As questões que começaram a se colocar para mim foram a de qual seria a concepção moral que acompanha o dinheiro e a riqueza na cultura filantrópica e como a ética prática e-ou a filosofia utilitarista justificariam a filantropia. Tentarei respondê-las a partir da leitura de outra obra de Singer, datada de 2015 – e aqui observo que o filantropismo começa a ganhar força após a crise financeira de 2008⁵ – intitulada “O Maior Bem que Podemos Fazer – Como o Altruísmo Eficaz está a mudar as ideias sobre viver eticamente”.

⁴ Ver <https://edgefunders.org/jtc/>

⁵ Ver Green e Bishop. Philantropism, 2008.

Peter Singer inicia dizendo que estaria nascendo uma nova filosofia e um movimento social denominado o altruísmo eficaz. Essa filosofia, assim como sua filosofia utilitarista, partiria da pergunta “qual é o maior bem que posso fazer?”. A resposta a essa questão poderia então ser calculada por meio da lógica racional baseada em indicadores numéricos. Para Singer – e seus seguidores que formam uma rede de peso voltada à prática do altruísmo eficaz - “viver uma vida totalmente ética implica fazer o maior bem possível”:

Os altruístas eficazes são sensíveis aos números e ao custo por cada vida salva ou por cada ano de sofrimento evitado. Se tivessem 10 000 dólares para doar, dá-los-iam mais a uma instituição de beneficência que pudesse salvar uma vida por 2 000 dólares do que a uma que pudesse salvar uma vida por 5 000 dólares, pois prefeririam salvar cinco vidas a salvar apenas duas.

Este é um exemplo simples de cálculo, eles podem se tornar mais complexos e de ordem moral – e aqui peço licença para uma longa citação:

Suponhamos que tenho 100 000 dólares para doar à melhor causa que encontrar. O museu da minha cidade está à procura de fundos para construir uma nova ala a fim de exibir mais peças da sua coleção. Ao mesmo tempo, pedem-me para doar para uma organização que pretende realizar cirurgias para recuperar a visão de pessoas com tracoma em países em desenvolvimento. Vejamos as opções que temos em termos do bem que o nosso dinheiro poderá conseguir. Suponhamos que a nova ala de museu custa 50 milhões de dólares e que, durante os 50 anos da sua vida útil esperada, um milhão de pessoas irá visita-la todos os anos, com um aumento total de 50 milhões de visitas. Como eu contribuiria com 1/500 do custo, poderia reivindicar o crédito pelo aumento de experiência estética de 100 000 visitantes. E se eu doasse para curar a cegueira? ... em média, custa 100 dólares por cada caso de cegueira curada ou evitada; assim, um donativo de 100 000 dólares poderia recuperar a visão de 1000 pessoas pobres nos países em desenvolvimento. Por conseguinte, por um lado, temos mais experiências estéticas para 100 000 visitantes do museu; por outro, temos 1000 pessoas poupadas a 15 anos de cegueira, com todos os problemas que isso causa a pessoas pobres sem segurança social. Uma pessoa cega pode ser incapaz de trabalhar e, por isso, a família perderá rendimentos ou, no caso de uma mulher com filhos pequenos para cuidar, a filha mais velha terá de abandonar a escola para ajudar a mãe, perdendo assim as oportunidades providenciadas pela educação. O problema, agora, é comparar estes dois resultados muito diferentes e dizer qual deles devemos tentar produzir. De um modo intuitivo, poderíamos responder desta forma: a diferença entre evitar 15 anos de cegueira e não ver uma nova ala num museu é de tal maneira grande que nem precisamos levar em conta os números. Não há um número de visitantes adicionais que suplante a recuperação da visão de alguém...” (SINGER, 2015: 147).

Isto seria o que o filósofo de Harvard Thomas Scanlon (apud Singer, 2015: 148) define como ausência de “peso significativo” na soma dos prazeres de muitos face às necessidades daqueles que estão “severamente sobrecarregados”. Para Singer, há algumas

características comuns no modo de vida dos altruístas eficazes como: “viver modestamente e doar uma boa parte do seu rendimento – normalmente muito mais do que o décimo ou dízimo – às instituições de beneficência mais eficazes; Investigar e falar com outros acerca das instituições de beneficência que são mais eficazes ou tomar por base a investigação realizada por outros avaliadores independentes; Escolher uma carreira na qual possam ganhar mais, não para viverem de forma opulenta, mas para poderem fazer um maior bem; Falar com outros, pessoalmente ou online, sobre doar, de modo a divulgar a ideia do altruísmo eficaz; Doar uma parte do corpo – sangue, medula óssea ou até um rim – a um estranho”.

Destaca-se que esta lógica do altruísmo eficaz de maximizar recursos e fazer doações para pessoas em situação de pobreza, muitas vezes em lugares distantes no globo, é contrária à lógica da filantropia defendida por pioneiros da área como Andrew Carnegie, por exemplo. Como indica Patricia O’Toole (1998) em seu livro “Money and Morals in America A History”, no capítulo “Why Millionaires Should Not Be Shot”, Carnegie, um dos “pais fundadores” da filantropia moderna considerava ineficiente fazer doações aos pobres, acreditando que estas criariam dependência e que os pobres deveriam se “auto ajudar” (*self help*), ou seja, “vencer por si mesmos” .

Para o milionário Carnegie, o dinheiro teria melhor uso se alocado para universidades, bibliotecas, instituições médicas, parques, *public halls*, piscinas e igrejas, nesta ordem. Embasado em um forte darwinismo social, Carnegie apostava na competição para o melhoramento da raça e sobrevivência dos mais aptos.

Voltando à questão do ganhar mais para doar mais de Singer. Não é somente pelos seus aliados (como Gates e Warren Buffet também citados por Bishop e Green e Michael Edwards em suas obras sobre o tema) que se poderia identificar Singer como participante da vertente filantroc capitalista. O próprio filósofo indica em seu texto “Esquerda Darwinista” de 2000 que, como utilitarista não valoriza “a igualdade por si” e em “O maior bem que podemos fazer” declara:

É verdade que o capitalismo parece estar a agravar a desigualdade, mas isso não prova que esteja a conduzir as pessoas à pobreza extrema, pois a desigualdade pode também aumentar quando os ricos se tornam mais ricos e os pobres ficam na mesma ou até quando os pobres ganham, mas não tanto quanto os ricos.

Parece que para o filósofo a desigualdade não é um problema em si, mas sim a pobreza. Marshall Sahlins (2004), no entanto, em seu texto “A Sociedade Afluente Original” assim como Mary Douglas (2007) em “O Mundo dos Bens, vinte anos depois” irão mostrar que a pobreza não é substantiva, um dado em si, mas sim criada em relação, o que desnaturaliza a pobreza que não parece ser culturalmente pensada no argumento de Singer. Para o último não há um problema moral em a pessoa assumir um emprego eticamente questionável se no seu cálculo utilitário esse emprego o conduzir a ganhar mais para doar mais e assim maximizar o bem que pode fazer.

O sociólogo Abdelmalek Sayad (1991) também trata desta “pobreza exótica” em seu texto de mesmo título:

Um dos efeitos correlatos da riqueza é que, de diversas maneiras, ela autoriza a falar da pobreza. Com. efeito, é sobretudo nos países ricos - e com os argumentos (ou a ideologia) dos países ricos - que se fala mais frequentemente da pobreza. Fala-se dela a partir de um ponto de vista moral, num tom de deploração resignada e impotente ou de acusação e denúncia, com uma linguagem que envolve os julgamentos de valor mais etnocêntricos. Fala-se dela para se ficar indignado com essa ‘espécie de escândalo que ela constitui na era da riqueza e da abundância (nos países da riqueza e da abundância) e para fazer dela um objeto de reflexão... Uma tal representação da pobreza - representação dominante, porque é a representação dos dominantes - leva a ver nela a negação, ou a antítese, das qualidades que estão na origem da riqueza. Como se gosta de crer, elas são constitutivas do homem rico, ou seja, de todos os homens da sociedade rica, dignos dessa sociedade e de sua riqueza. Da mesma maneira que a riqueza é pensada - pelos ricos, claro - como a consagração das qualidades individuais do rico, a pobreza é pensada, por simetria, como decorrente do conjunto de características próprias do pobre- como um fato oriundo de sua individualidade, de sua pessoa, portanto um fato pelo qual ele é responsável, mesmo sendo vítima - e não como um fato estrutural da organização social e econômica... uma das funções da linguagem da moral é a de moralizar e, portanto, despolitizar, os problemas sociais -, a miséria como fenômeno social, como está dito no relatório da CEE (comunidade econômica europeia), “é invisível, desconhecida, quase negada por mais da metade dos europeus.

A questão aqui, que parece ser controversa para os altruístas eficaz é de se a pobreza seria de fato estrutural da organização social e econômica como diz Sayad (1991). Para Singer:

Não há dúvida de que o capitalismo conduz algumas pessoas à pobreza extrema – é um sistema tão vasto que seria de admirar se isso não acontecesse -, mas também retirou centenas de milhões de pessoas da pobreza extrema... Seja como for, aqueles que pensam que toda a moderna economia capitalista deveria ser derrubada não conseguem demonstrar a existência de formas de estruturar uma economia com melhores resultados. Também não mostram como, no século XXI, pode

ocorrer uma transição para um sistema econômico alternativo. Goste-se ou não, no futuro próximo, continuaremos a viver numa qualquer variedade de capitalismo, acompanhado por mercados bolsistas, títulos e mercadorias. Estes mercados desempenham várias funções, como a angariação de capital de investimento, a redução do risco e a estabilização dos preços das mercadorias. Não parecem inerentemente maus.

Singer é um pensador polêmico. Sobretudo por seus cálculos utilitários acerca das vidas que valem a pena ser vividas ou não⁶. No entanto, como podemos ver, está cercado por algumas das pessoas e organizações mais poderosas do mundo, o que a meu ver, reforça o argumento que tece na tese e derivado das análises de Didier Fassin (2012), professor na mesma universidade de Singer, sobre o humanitarismo, de que esse setor protagoniza sistemas de governança econômica (e biopolítica) de populações - acredito que esse ponto precisaria ser aprofundado. Para Fassin (2012), existe uma tensão entre “a compaixão e a repressão, a mobilização da empatia mais do que o reconhecimento de direitos”.

Segundo o autor, nas sociedades contemporâneas a ação humanitária remete à fantasia de uma comunidade moral global e à expectativa de que a solidariedade tenha “poderes de redenção”. Fassin (2012) chama de razão humanitária a “moralmente dirigida, politicamente ambígua, e a profundamente paradoxal força dos fracos”. Assim, o humanitarismo – seja no alívio da pobreza ou na resposta à desastres naturais e calamidades públicas – teria a capacidade de “criar uma ponte fugaz e ilusória entre as contradições de nosso mundo e tornar suas intoleráveis injustiças suportáveis de alguma forma. Disto derivaria sua força consensual.

Em termos de governo humanitário, Fassin explica:

I will therefore use the expression “humanitarian government” to designate the deployment of moral sentiments in contemporary politics. “Government” here should be understood in a broad sense, as the set of procedures established and actions conducted in order to manage, regulate, and support the existence of human beings: government includes but exceeds the intervention of the state, local administrations, international bodies, and political institutions more generally (FASSIN, 2012: 1)

É interessante observar que muitos promotores da filantropia e dos investimentos sociais reconhecem o potencial do setor para o governo de populações. Em recente documentário intitulado “Um Novo Capitalismo”, Antônio Moraes Neto, neto de Antonio

⁶ Ver Peter Singer, O Estado Moral do Sofrimento. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lw74Q2w7NHE> Acessado em 13 de Outubro de 2018.

Ermírio de Moraes e uma das figuras mais proeminentes do investimento social privado no Brasil assinala estarmos caminhando para:

...um modelo que é muito descentralizado do ponto de vista do poder. As estruturas tradicionais estão ruindo. Seja o setor público, grandes empresas, as igrejas. Ruindo no sentido de concentração do poder que havia há 100 ou 200 anos atrás. E com as novas tecnologias e o acesso à informação, com a capacidade de colaboração da economia criativa ou compartilhada, você começa a ter o poder indo para o indivíduo. Acho que esse é o modelo que me deixa otimista para o futuro. E novos modelos vão ter que ser pensados inclusive de governança. Como a gente deixa de ter 1% da população que está criando as políticas públicas, os produtos e os serviços, com a visão teoricamente quase do Monte Olimpo, dos deuses gregos, que têm a clareza daquilo que a população precisa com distancimento, que às vezes eu estou em Washington, tentando resolver o problema da população que está em Madurai, Índia. Acho que a gente precisa caminhar para um modelo em que as pessoas determinam por ter clareza de seus problemas, elas mesmas determinam as soluções para os seus problemas. E você ter plataformas, não só tecnológicas, mas também plataformas de oportunidade, para permitir que as pessoas criem as soluções dos próprios problemas.

As considerações citadas de Singer coincidem com os interesses das elites (e o IDIS publicou uma matéria em 2014 em que representantes do Charity Navigator acusavam o Altruísmo Eficaz de elitista e o criticam por fazer juízo moral do investimento privado⁷). Pelo menos no que tange ao estudo sociológico das elites brasileiras e a desigualdade social, Elisa Reis (2000) indica que as elites brasileiras, apesar de reconhecerem a desigualdade com um problema, ainda se mostram contrárias a iniciativas redistributivas. Elas querem a redução da pobreza, mas também a melhora do seu nível de vida, ou seja, ações que manteriam a desigualdade social. Como já indicado, Singer não parece priorizar a questão da desigualdade enquanto um problema central e sim a pobreza.

Mesmo nesse âmbito, as elites brasileiras – talvez ao contrário das norte-americanas, como apareceu em meu estudo – não se sentem de forma alguma responsáveis. Segundo Reis:

...falta uma noção de responsabilidade social entre as elites. Aparentemente, elas não se vêem como parte de um todo, uma coletividade, nem tampouco percebem o Estado como parte da sociedade. Quando o responsabilizam pela persistência da pobreza, elas se eximem da responsabilidade coletiva.

⁷ <http://www.idis.org.br/especialistas-criticam-altruismo-eficaz-por-fazer-juizo-moral-do-investimento-social-privado/> Ver também https://ssir.org/articles/entry/the_elitist_philanthropy_of_so_called_effective_altruism

Para a socióloga é surpreendente que não existam “entre nós estudos sistemáticos sobre como os não pobres e particularmente as elites percebem a pobreza e a desigualdade. Mesmo nos países mais prósperos essa questão é pouquíssimo estudada”. É nesta lacuna que este trabalho vem tentando achar espaço.

Já encerrando, gostaria de trazer a questão do altruísmo eficaz para o escopo brasileiro. No dia 13 de agosto de 2018, Fernando Moreno entrou em contato comigo pelo Facebook. Ele se apresentou, disse que tinha lido minha tese e gostaria de conversar. Assim iniciamos nossa interação – que segue – online. Fernando me explicou que tem se dedicado há pouco mais de um ano a promover o movimento do altruísmo eficaz no Brasil. Assim ele encontrou minha tese e achou importante pontuar sua atuação para que pudéssemos “ter uma conversa franca”, como disse.

Trocamos algumas ideias e Fernando fez seu contraponto a respeito da minha leitura do Altruísmo Eficaz: “eu queria fazer uma observação quanto ao que você colocou em sua tese sobre o altruísmo eficaz (AE): você agrega o AE a outros conceitos como "filantropia estratégica", filantroc capitalismo, investimento social privado etc. Eu reconheço as afinidades óbvias entre os grupos. Aliás, de certo modo, tudo derivado do caldo cultural do Silicon Valley. Mas eu queria destacar que o movimento do AE parece já ter uma identidade própria e já tem adquirido uma certa distância desse primeiro grupo. Inclusive algumas das medidas que estão sendo apoiadas pelo AE parecem ter muito mais afinidade com a filantropia progressista / justiça social. Cito apenas como exemplo o apoio a reformas do sistema de justiça americano e de leis mais pró-imigração. Sei que o foco do seu trabalho nem era o AE então nem digo isso como uma crítica mas apenas uma observação mesmo”.

A partir desta interação quis então me aprofundar nas leituras sobre o Altruísmo Eficaz e é o que venho fazendo. Nesses últimos meses, desde o primeiro contato com Fernando, já conversamos mais algumas vezes, inclusive por Skype. Fernando me conectou com dois estudantes de filosofia de Porto Alegre, Alysso e Ramiro, que se interessam – e Ramiro como funcionário do Banco Central e doutorando em filosofia já pratica o AE – e também estamos nos encontrando para conversar sobre o assunto e mesmo elaborar um grupo de estudos.

No site do Altruísmo Eficaz no Brasil encontramos o perfil de seus participantes – são pessoas que têm outras atividades profissionais e em paralelo dedicam-se à causa – inclusive Celso Vieira, com quem também iniciei um contato e a quem Peter Singer cita como “um exemplo do alastramento do altruísmo eficaz para lá das suas origens no Reino Unido e nos Estados Unidos... Celso, como ele afirma, é mais “motivado pelos argumentos do que pela empatia”. Chegou ao altruísmo eficaz através do raciocínio sobre o que devia fazer”.

Apesar da cultura da doação ainda ser considerada incipiente no Brasil, iniciativas alinhadas ao AE, tal como site da Doe Bem (doebem.org.br) já operacionalizam transações voltadas ao setor. Este site seria uma versão brasileira do GiveWell.org que elabora um ranking das instituições mais eficientes para que as pessoas possam doar. Fernando Moreno também trabalha voluntariamente nesta iniciativa.



Imagem 2: Doe Bem
Fonte: Doebem.org.br

A doebem conecta doadores e organizações sem fins lucrativos efetivas.

[BLOG](#)[DOAR](#)

A ideia da doebem nasceu no meio de 2016 quando seus fundadores se conheceram em um curso de empreendedorismo na Califórnia.

Eles tinham pelo menos duas coisas em comum: a vontade de promover impacto positivo no Brasil e a noção de que isso deveria ser feito de forma diferente. Inspirados no movimento [Altruísmo Eficaz](#), decidiram trazer para o seu país o conceito de que decisões de como ajudar devem ser embasadas em evidências claras de impacto e estudos científicos.



Imagem 3: Sobre Doe Bem
Fonte: Doebem.org.br

Também por intermédio do contato de Fernando, conversei no dia 02 de outubro de 2018, às 14h pela internet com Guilherme Samora, um dos fundadores do site Doe Bem. Guilherme, que tem 28 anos, estudou Administração na Mackenzie de São Paulo e atualmente vive e trabalha em munique, Alemanha, na área de tecnologia da informação. Ele relatou ter interesse em empreendedorismo e negócios sociais. Tendo recebido um prêmio da organização Artemisia⁸ durante seu período de faculdade, ele foi selecionado para uma aceleradora Yunus⁹ de negócios sociais.

Em meados de 2015, Guilherme participou de um grupo de estudos sobre “racionalidade” e um colega o convidou para conhecer o Altruísmo Eficaz. Ele conta que leu sobre o assunto, gostou das questões de avaliação de impacto e em 2016, em um curso sobre empreendedorismo na Califórnia conheceu Elisa, que viria a ser sua sócia no Doe Bem. Atualmente o site consegue se manter com doações e parcerias. Guilherme acha que sua geração está mais aberta para a filantropia em função do contato com o exterior, domínio de idiomas e que aí teria uma “mudança de perspectiva”.

⁸ Ver <https://artemisias.org.br>

⁹ Ver <https://www.yunusnegociossociais.com/aceleradora>

Guilherme explicou ainda acreditar mais nos negócios sociais do que em “doar por doar”, como dar esmolas na rua. Para ele o objetivo de intervenção do terceiro setor é virar uma política pública no futuro e contou ainda ter mudado sua forma de viver nos últimos dois anos desde que conheceu o movimento.

Poderíamos considerar que essas pessoas com quem conversei possuem alguns traços em comum: possuem ensino superior, em muitos casos pós-graduações no Brasil e no exterior (Elisa cursa mestrado no MIT e em Harvard). Possuem domínio de idiomas, especialmente da língua inglesa e se interessam por temas sociais e de empreendedorismo, logo, da resolução de problemas sociais por meio da lógica empresarial e científica. Essas características parecem indicar se encontram em classes média e média-alta, operando ainda um pouco afastados das elites empresariais que já possuem seus institutos e fundações e circulam pela rede de organizações como o IDIS e o GIFE (Grupo de Institutos e Fundações Empresariais).

Essas são algumas das primeiras considerações sobre a filosofia por trás deste que se auto denomina como um movimento social, assim como uma breve ilustração da rede que se está a articular no Brasil. Lembrando que a filantropia é uma indústria que, de acordo com o Giving USA, só nos Estados Unidos mobilizou mais de 410 bilhões de Dólares no ano de 2017¹⁰ - e cerca de 13,7 bilhões de Reais no Brasil no ano de 2015¹¹ - não parece nada irrelevante estudar as lógicas que pautam e disputam suas práticas. A partir desse estudo observa-se como a lógica utilitarista, uma disposição moral e o entendimento do que é viver uma vida ética podem levar – ou não – às doações filantrópicas.

Referências:

ARRILLAGA-ANDREESSEN, Laura. *Giving 2.0. Transform your giving and our world*. Jossey-Bass. A Wiley Imprint, 2012.

BERNHOLZ, Lucy. *Creating Philanthropic Capital Markets. The Deliberate Evolution*.

¹⁰ <https://givingusa.org/giving-usa-2018-americans-gave-410-02-billion-to-charity-in-2017-crossing-the-400-billion-mark-for-the-first-time/>

¹¹ Os dados mais recentes encontrado sobre o Brasil datam de 2015, a partir de pesquisa realizada pelo IDIS. O valor corresponderia a 0,23% do PIB do país. Disponível em <http://setor3.com.br/pesquisa-doacao-brasil-traz-numero-e-quanto-os-brasileiros-doam-o-que-pensam-e-tambem-as-pessoas-que-nao-sao-doadoras/>
Acessado em 5.10.2018

Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2004.

CARNEGIE, Andrew. *The Gospel of Wealth*. Dodo Press, 1887, 2008.

DOUGLAS, Mary. “O Mundo dos Bens, vinte anos depois”. In.: *Horizontes Antropológicos*, vol.13 no.28 Porto Alegre July/Dec. 2007.

EDWARDS, Michael. *Just Another Emperor. The Myths and Realities of Philanthrocapitalism*. The Young Foundation, 2008.

FASSIN, Didier. *Humanitarian Reason. A Moral History of the Present*. University of California Press, 2012.

GREEN, Michael. BISHOP, Matthew. *Philanthrocapitalism*. AC Black, 2008.

O'TOOLE, Patricia. *Money and Morals in America*. New York: Calrkson Potter Publishers, 1998.

REIS, Elisa P. “Percepções da Elite sobre Pobreza e Desigualdade”. In.: *RBCS* Vol. 15 no 42 fevereiro/2000.

SAHLINS, Marshall. “A Sociedade Afluente Original”. In.: *Cultura na Prática*. UFRJ, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. *Uma Pobreza Exótica: a imigração argelina na França*, 1991. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_07.htm

SINGER, Peter. “Famine, Affluence and Morality”. In.: *Philosophy and Public Affairs*, vol. 1, no. 1 (Spring 1972), pp. 229-243.

_____. *A Darwinian Left: Politics, Evolution and Cooperation*, Yale University Press, 2000. Disponível em <https://criticanarede.com/esquerda.html>

_____. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A Vida que Podemos Salvar: Agir agora para pôr fim à pobreza no mundo*. Lisboa: Gradiva, 2012.

_____. *O Maior Bem que Podemos Fazer. Como o Altruísmo Eficaz está a mudar as ideias sobre viver eticamente*. Lisboa: Edições 70, 2015.